

Pensar Cidade

Eduardo Correia,

Político e Professor do ISCTE-IUL

246

Vivemos num planeta onde 71% da superfície é aquática e cuja população aumentou de *1000 milhões em 1820 para 2000 milhões em 1930, 3000 milhões em 1960, 4000 em 1974, 5000 em 1987, 6000 em 1990 e que atingiu cerca de 7000 milhões em 2011.*

Com uma taxa de urbanização mundial de cerca de 50,5% da população, pensar estrategicamente as regiões urbanas, as cidades e a respetiva gestão, significa efetivamente pensar o desenvolvimento da humanidade. Este desafio é tão mais relevante quanto maior é a proliferação de zonas urbanas sobre populadas e o vasto conjunto de problemas sócio ambientais que tal fenómeno acarreta. Temos hoje no mundo muitas cidades com mais de 10 milhões de habitantes, sendo que Tóquio concentra cerca de 37 milhões de habitantes, Nova Deli 22 milhões, e São Paulo, Bombaim, Cidade do México, Nova Iorque e Shangai cerca de 20 milhões cada.

A crescente tendência para a população se concentrar em centros urbanos traz um conjunto de oportunidades e desafios cuja gestão passa também pela diferenciação das cidades entre si, competindo por atrair os melhores recursos, as pessoas mais qualificadas e os mais importantes centros de debate, de cultura e de tomada de decisão. Esta globalização e o fato do mundo se tornar gradualmente cada vez mais pequeno, obriga também, ao estabelecimento de um conjunto de regras, que condicionem a proliferação de fenómenos de concentração urbana, como aqueles que se verificam em determinadas regiões do planeta, cujos resultados apontam para níveis de qualidade de vida extremamente baixos como são efetivamente os casos de cidades de algumas economias emergentes, baseadas na ausência de respeito pelos direitos do Homem e do ambiente. A multiplicação de desastres ambientais, a poluição associada a fenómenos de concentração urbana e de produção industrial essencialmente dirigida ao fenómeno urbano, a

perca de vegetação, a desflorestação, a diminuição da vida animal selvagem, a erosão dos solos, e o aquecimento global apenas reforçam essa imprescindível necessidade.

A complexidade do tema é de tal forma profunda que obriga a uma rara integração de conhecimentos e disciplinas cuja amplitude é efetivamente global. Na gestão estratégica de cidades o desafio primeiro é o da sustentabilidade da qualidade de vida do ser humano, aspeto que depende de fatores sócio culturais e ambientais que abrangem temas tão diversos e tão correlacionados como a saúde, a segurança, a educação e o respeito pela diferença, a estética e a arquitetura, o lazer e os tempos livres, a sustentabilidade ambiental e alimentar, a cultura e a história, as redes de conhecimento, as redes de transporte, o equilíbrio demográfico, a democracia, a tecnologia e a eletrónica.

Pensar, no início do século XXI, a gestão e a estratégia de cidades, é pensar na democracia relacional entre os seres humanos, entre seres humanos e estrutura política, e entre seres humanos e o ambiente. Pensar o desenvolvimento urbano é pensar o futuro da humanidade e é um passo imprescindível no sentido de assegurar sustentabilidade existencial para as gerações vindouras.

247